

Do Partido na dialética - pelo resgate da totalidade econômica

Diego Fonseca Dantas¹⁵⁸

Resumo

Neste artigo, tratamos do livro seminal de Lukács, *História e Consciência de Classe*. Em parte dele, o filósofo húngaro em sua interpretação dos escritos de Luxemburgo insere diretamente no ensaio a figura do Partido, como reivindicador da herança de fomentar e propagar a consciência de classe do proletariado. Na visão do marxista húngaro, a acumulação de capital é a mola propulsora de consciência, pois ela denuncia na primeira hora e desvela o caráter desigual do capitalismo, seja social, economicamente entre as classes. E defende que o Partido funciona como catalisador desta denúncia e desvelar da realidade, de sua totalidade, e com ela, as contradições do processo econômico e histórico, que emergiu com o advento do capitalismo, como aporte ideológico para a “ruptura” com a falsa consciência.

Palavras-chave: dialética; partido; proletariado; acumulação; capital.

Abstract

In this article, we deal with Lukács' seminal book, *History and Class Consciousness*. In part of it, the Hungarian philosopher, in his interpretation of the writings of Luxemburg, inserts the Party figure directly in the essay, as a claimer of the inheritance of fomenting and propagating the class consciousness of the proletariat. In the Hungarian Marxist's view, capital accumulation is the driving force of conscience, as it denounces in the first hour and reveals the unequal character of capitalism, be it socially, economically between classes. And he argues that the Party acts as a catalyst for this denunciation and unveiling the reality, of its totality, and with it, the contradictions of the economic and historical process, which emerged with the advent of capitalism, as an ideological contribution to the “rupture” with the false consciousness.

Keywords: dialectic; party; proletariat; accumulation; capital.

1 À guisa da introdução: o Partido e o método dialético

Posto o primeiro ensaio de Lukács em *História e Consciência de Classe*, percebemos que há uma defesa e um postulado da ortodoxia marxista a partir de uma perspectiva do método dialético, que une em uma só unidade: a teoria e a práxis, a totalidade em cada situação particular e o particular dentro da totalidade.

Um método indissociável do marxismo enquanto dialética revolucionária, que induz a uma constante superação dialética de conceitos, de estrutura, de matéria seja seus dois vieses (LUKÁCS, 2012)¹⁵⁹: 1) o pensamento e o ser; e 2) na história, ou na filosofia da história da luta de classes (ou seja, a concepção da história como a história da luta de classes). O Partido em Lukács, com isto, rechaça o oportunismo e o voluntarismo de “marxistas” em separar o método

¹⁵⁸ Doutor em Educação pela UFF; pesquisador do NUFIFE. E-mail: diegodantas@uol.com.br

¹⁵⁹ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e consciência de classe*: estudos sobre a dialética marxista. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.116. Diz Lukács: “o método filósofo de Hegel, que sempre foi - de maneira mais convincente na *Fenomenologia do espírito* - tempo, jamais foi abandonado por Marx em relação a esse ponto essencial. Pois a unificação hegeliana - dialética - do pensamento e do ser, a concepção de sua unidade como unidade e totalidade de um processo, formam também a essência da filosofia da história do materialismo histórico.”

em um destes dois vieses, o que só joga qualquer análise em um viés contemplativo ou forjado no método racionalista e das ciências naturais. Há aí a observação de Lukács em que afirma que a dialética é “a guardiã do marxismo ortodoxo” e como método idem de combate contra o oportunismo e o voluntarismo – a que chama também respectivamente de revisionismo e utopismo (LUKÁCS, 2012)¹⁶⁰. Seja o oportunismo do Partido menchevique ou da pequena-burguesia; ou ainda pelo voluntarismo na forma de utopismo intelectual, ambos, muito influenciados pela visão mecanicista da Segunda Internacional. Daí, a concepção de que o Partido revolucionário do proletariado, não pode também ser forjado em concepção outra que não seja à dialética marxista.

Para isto, o Partido deve entender e negar objetivamente seja em sua abordagem prática e política ou teórica e intelectual – porque ambos de qualquer forma negam a dialética marxista -, tanto o comportamento oportunista e voluntarista, quer dizer, o determinismo e mecanicismo de que por si só, uma crise econômica seria um fato determinado para a elevação da classe proletária, sem a necessidade de uma iniciativa na experiência e na ação consciente revolucionária por parte do mesmo contra a burguesia. Lukács, ainda, dissecou esta questão de forma bem aprofundada no ensaio *Notas Críticas sobre a Crítica da Revolução Russa, de Rosa Luxemburgo* (LUKÁCS, 2012)¹⁶¹ – em que defende que a forma correta de combate dos dois, é pela organização (LUKÁCS, 2012)¹⁶² do Partido – seja tanto ao utopismo intelectual como ao oportunismo de Partidos de caráter pequeno-burguês.

Há que esclarecer ainda que, em suma, o oportunismo decorre de uma ação consciente deliberada de Partidos mencheviques, da pequena-burguesia. E o voluntarismo seria uma ação intelectual de cunho utópico, - ambas, descaracterizam a ortodoxia do marxismo, devido o caráter mecânico, obtuso, em que nega prontamente a dialética como método próprio e único do marxismo - haja vista a defesa de Lukács de forma veemente no ensaio: *O que é marxismo ortodoxo*.

Por isso, por conseguinte, é de vital relevância e de caráter fundamental que o Partido revolucionário seja, na primeira hora, o catalisador à apreensão da metodologia do sistema dialético, materialista, que é a teoria e a prática, irrefutáveis e de caráter inegociável no marxismo a partir da ótica do momento, da conjuntura e sua totalidade para a classe do proletariado. O que quer dizer, com efeito, que separar o Partido do método, seja em sua

¹⁶⁰ LUKÁCS, Georg. O que é marxismo ortodoxo?. In: *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.104.

¹⁶¹ LUKÁCS, Georg. Notas críticas sobre a crítica da revolução russa. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.p.489-522.

¹⁶² Idem. p.508-509.

instância da natureza (o ser e o pensamento), ou em sua instância histórica, mesmo a despeito de se adotar uma, é descaracterizar o método marxista. Mas, não é somente isso. É preciso explorar as antinomias do processo de reprodução: *a acumulação do capital*. É o que falaremos em seguida.

2 Acumulação do capital é a mola propulsora da consciência

Dado o que vimos, com efeito, para o Partido na captação e fomento da consciência de classe do proletariado, na visão do filósofo húngaro no ensaio “*Rosa Luxemburgo como marxista*”, há uma constatação de que a análise deve, sobretudo, focar e perpassar a totalidade concreta da sociedade para o estudo dos fenômenos sociais, em última instância, econômicos.

Lukács rechaça, como citado em supra no parágrafo anterior, também o oportunismo e o voluntarismo do marxismo dito vulgar e coloca em ênfase o reconhecimento de que Rosa Luxemburgo em seu livro *Acumulação do Capital* resgata este caráter da análise e ortodoxia marxista (LUKÁCS, 2012)¹⁶³, de modo que, não por acaso, explicita a relação da acumulação do capital, que se deu de forma mais agravada no capitalismo e insere este problema como de vital importância para o despertar da consciência do proletariado.

Em suma, concluímos que após o Partido apreender a dialética como método primeiro na ciência marxista, porque revolucionária, faz-se necessário a apreensão da totalidade concreta e econômica, sendo a chave deste entendimento: a absorção e superação dialética da acumulação do capital, não como lei eterna da consciência burguesa, mas, como chave revolucionária, porque desvela o caráter desigual do capitalismo e sua divisão entre a burguesa e o proletariado, e o seu ponto nevrálgico: a subtração do valor, e da mais-valia no processo de reprodução pelo primeiro em detrimento do último.

Por isso mesmo que o filósofo húngaro em sua interpretação dos escritos de Luxemburgo insere diretamente no ensaio a figura do Partido, como reivindicador da herança de fomentar e propagar a consciência de classe do proletariado¹⁶⁴. Na visão do marxista húngaro, a acumulação de capital é a mola propulsora de consciência¹⁶⁵, pois ela denuncia na primeira hora e desvela o caráter desigual do capitalismo, seja social, economicamente entre as classes. O Partido funciona como catalisador desta denúncia e desvelar da realidade, de sua

¹⁶³ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.113.

¹⁶⁴ Idem. p.128. “Nesse processo, que o partido não pode nem provocar, nem evitar, cabe, portanto, ao partido o papel elevado de ser o portador da consciência do proletariado, a consciência de sua missão histórica.”

¹⁶⁵ Ibidem. p.124-127.

totalidade, e com ela, as contradições do processo econômico e histórico, que emergiu com o advento do capitalismo, como aporte ideológico para a “ruptura” com a falsa consciência, pois a ideologia não é somente falsa consciência, mas, um instrumento de combate de consciência e de conhecimento da práxis da cotidianidade.

Ainda, em defesa do Partido como centro organizador e portador da consciência do proletariado, em meio a este processo dialético, na categoria de unidade entre teoria e práxis, entre ser e pensamento dentro do processo histórico como premissa da dialética marxista, além de Rosa Luxemburgo, há essa mesma observação na transcrição de Lukács em referência a Marx neste mesmo ensaio:

“Isto é, o nível do processo histórico que imprime à consciência de classe do proletariado um caráter de exigência, um caráter latente e teórico, deve se transformar em realidade correspondente e, enquanto tal, intervir de maneira ativa na totalidade do processo. Essa forma da consciência de classe proletária é o Partido”.¹⁶⁶ (LUKÁCS, 2012)

Por conseguinte, não considerar o Partido como portador desta consciência e para além dela, é de igual modo, assim, como separar o método dialético de sua raiz da natureza e da história, é escamotear também a ciência marxista, uma vez que, na visão de Marx e na de Lukács¹⁶⁷ - sem mencionar Lenin, teórico de aspectos da organização do Partido bolchevique¹⁶⁸ - a união entre teoria e práxis, entre ser e pensamento, na totalidade do ser e da história, se põe com o advento e o reconhecimento do proletariado e, em sua instância organizada, o Partido revolucionário. Esta concepção fica clara e inexorável no *Manifesto Comunista*¹⁶⁹, quando Marx e Engels distinguem os comunistas dos socialistas utópicos e demais Partidos operários, assim como a importância e a relevância em se agrupar um Partido único para subverter a realidade burguesa, derrocando o capitalismo para elevação do

¹⁶⁶ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.127.

¹⁶⁷ _____. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012. p.54-55. “O Partido tem, por um lado, de ter a clareza e a firmeza teóricas para se manter no caminho correto a despeito de todas as oscilações das massas, e mesmo correndo o risco de um isolamento momentâneo. Mas ele tem, por outro lado, de ser elástico e receptivo e suficiente para detectar em todas as exteriorizações das massas, mesmo confusas, as possibilidades revolucionárias que permanecem inconscientes para essas mesmas massas. Essa adequação à vida da totalidade é impossível se a mais rígida disciplina no partido”.

¹⁶⁸ Teses sobre organização e Estatuto do Partido Bolchevique - apresentadas Resolução aprovada no III Congresso da Internacional Comunista, realizado de 22 de junho a 12 de julho de 1921.

¹⁶⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo editorial, 2010. p.68-69. “Os comunistas lutam pelos interesses e objetivos imediatos da classe operária, mas, ao mesmo tempo, defendem e representam, no movimento atual, o futuro movimento. Mas em nenhum momento esse partido se descuida de despertar nos operários uma consciência clara e nítida do violento antagonismo que existe entre a burguesia e o proletariado.”

171

socialismo. Neste sentido, Lukács está em sintonia com os clássicos do marxismo, que defendem o protagonismo do Partido.

Como dito em supra, há a defesa de Lukács, sobre a acumulação de capital como o elo, a mola propulsa da consciência, uma vez que inevitavelmente o problema da acumulação expõe em carne viva as contradições do capitalismo, seja com a ebulição de crises estruturais e cíclicas no próprio sistema e na realidade histórica, seja com a tensão latente entre a burguesia e o proletariado, no reflexo do processo produtivo e econômico.

Quando Lukács defende o resgate da dialética como método e a totalidade econômica como forma de o Partido captar a consciência das massas visando transmutá-la em classe, em proletariado, ele o fez na defesa idem de que o mecanismo para ascender tal consciência o seria pela percepção e ideia de que o problema da acumulação de capital deveria ser absorvido realmente como um problema, isto é, como um processo de produção e reprodução, pois extrai a mais-valia do proletariado, e pelo seu caráter inexorável de exploração da classe proletária pela burguesia, pois gera crescente acumulação de capital à burguesia e decrescente perda da mais-valia ao proletariado.

Há aí uma defesa do Partido na importância de não se potencializar, mas enraizar-se na base do trabalho (BARROSO, 2004)¹⁷⁰, no processo produtivo para o proletariado, da importância e capacidade de apreensão da realidade, por sua vez, da consciência, pela situação de classe no processo produtivo. Lukács afirma com clareza tal defesa em que o problema da acumulação não poderia ser concebido como um processo natural, para além do capitalismo, e sim, como um problema que tensiona e decerto decorre em crises no capitalismo de ordem econômica e, por conseguinte, com desdobramentos sociais e políticos entre a burguesia e o proletariado, que “ao reconhecer sua situação, ele age” (LUKÁCS, 2012)¹⁷¹, afirma Lukács. Portanto, em boa hora, o conceito e a correção do problema da acumulação de capital está diretamente associado à práxis e epistemologia do Partido, seguindo o raciocínio metodológico de Lukács em *História e Consciência de Classe*, que diz:

“Se, portanto, para o marxismo, o conhecimento do caráter historicamente limitado do capitalismo (o problema da acumulação) torna-se uma questão vital, é porque somente esse elo, a unidade da teoria e práxis, pode se manifestar como fundamentado a necessidade da revolução social, da transformação da totalidade da sociedade”.¹⁷²

¹⁷⁰ BARROSO, Maria Lucia Silva. *Ética y serviço social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p.41-50. Seção: El significado ontológico Del trabajo. A relação entre indivíduo, trabalho e alienação na realidade.

¹⁷¹ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.126-127.

¹⁷² Idem. p.125.

Mas, mesmo assim, pode-se permitir ainda questionar a relação entre acumulação do capital, consciência e Partido do proletariado. Mesmo com a defesa da causa de que a acumulação do capital expõe de forma não pudica a exploração da mais-valia do proletariado pela burguesia que transforma por isso, dialeticamente a mais-valia em acumulação, poderíamos justificar o mesmo ponto, pela sua consequência, pelo efeito da causa - com o desenvolvimento a pleno vapor do capitalismo. Com efeito, entende-se que a condição da acumulação do capital está diretamente envolvida com a relação quantitativa e qualitativa do proletariado, uma vez que todo processo produtivo é um processo de reprodução, isto é, de produção periódica e que permeia as mesmas fases, em suma, o valor do capital, através da venda de mercadorias. Produz um mais-valor, que é o excedente extraído da força de trabalho, e reconvertido em dinheiro, por sua vez, em capital para reintrodução ao processo produtivo e em renda contínua ao proprietário, ao capitalista. Lukács, não detalha este ponto em *HCC*, mas, a detalha no capítulo “*A Reprodução*” da *Grande Ontologia*.

Daí, este convertimento do dinheiro em capital, seja em sua (re)-produção, e em renda ao capitalista, em subtração corrente do valor trabalho do proletariado, é que se deduz, por conseguinte, como sistema de reprodução. Por isso, vale lembrar que o capital não é somente dinheiro, e longe disso, é a força social de produção (bens de produção, meios de produção e forças produtivas e sua transformação em dinheiro, sua forma fluída do que é produzido através da venda de mercadorias, para virar-se e retornar novamente ao capital). Daí, a importância do método dialético¹⁷³, para apreender esta transformação e dinâmica constante do capital. Sobre o Capital, diz Marx no manifesto:

“A propriedade que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar sob a condição de gerar novo trabalho assalariado, para voltar a explorá-lo. Ser capitalista significar ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção. O Capital é um produto coletivo e só pode ser colocado em movimento [...] em última instância pelos esforços combinados de todos os membros da sociedade. Não é um poder pessoal: é um poder social”.¹⁷⁴

Por isso, ainda, é entendendo o efeito, que este processo chamado reprodução simples está dialeticamente interligado ao que Marx chama por reprodução ampliada, isto é, o eco deste processo em larga escala, não somente falando-se reprodução de capital, mas também da massa proletária, uma vez que o aumento do primeiro causa como efeito o maior emprego da classe

¹⁷³ LENIN, V.I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. p.157.

“Não se pode compreender plenamente *O Capital* de Marx, e particularmente o seu primeiro capítulo, sem ter estudado e compreendido toda a lógica de Hegel. Portanto, meio século depois de Marx, nenhum marxista compreendeu”.

¹⁷⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo editorial, 2010. p.52.

trabalhadora, de modo que a reprodução ampliada ressona a reprodução simples (a produção do próprio sistema capitalista, seus efeitos sociais: com o aumento das forças produtivas; modernização dos meios de produção; e também, do próprio proletariado). Não defender esta relação, em suma, é de igual modo, não conceber o método dialético, e negar a própria sorte a correlação fidedigna entre a acumulação do capital e sua relação com a consciência do proletariado. Novamente, Lukács, não detalha este ponto em *HCC*, mas, a detalha no capítulo “*A Reprodução*” da *Grande Ontologia* em consonância com o processo de reprodução descrito por Marx. Marx, afirma em o *Capital* (MARX, 2010):

“Assim como a reprodução simples reproduz continuamente a própria relação capitalista – capitalista de um lado, assalariados de outro, -, a reprodução ampliada, ou seja, a acumulação, reproduz a relação capitalista em escala ampliada – de um lado, mais capitalistas, ou capitalistas maiores; de outro mais assalariados. [...] Acumulação do capital, é portanto, multiplicação do proletariado”.¹⁷⁵

Entretanto, na concepção de Lukács, para o Partido se instrumentalizar através da análise de conjuntura da realidade – mais uma vez, pelo método dialético e pelo reconhecimento e estudo concreto da situação econômica - não para por aí, concluindo entendimento objetivo do efeito, à medida que o processo de acumulação se dá, se reprocessa, há um início de colapso do sistema, pois com a acumulação (reprodução ampliada) há grande concentração do capital na mão cada vez mais recorrente de grandes capitalistas, que ao expropriarem capitalistas menores, - e como a acumulação e o excedente em lucro do que fora vendido e transformado em dinheiro -, precisa passar obrigatoriamente para o (re)convertimento em processo produtivo, vai-se adquirindo vasta maquinaria e matéria-prima. O velho capital¹⁷⁶ vai se reinventando e transformando em novo capital, configuração em que não mais precisa da mesma quantidade e do aumento da massa proletária, dando o indicativo de crise e desemprego, com evasão de empresas para outros mercados, em busca do arcabouço de maquinaria e matéria-prima a baixo custo, e decerto, gerando crise, mas, nestes espasmos, vem à consciência de classe, do proletariado.

Ainda, quando há o advento do monopólio capitalista, temos, portanto, o indicativo revolucionário, pois, como efeito da crise, o proletariado se não impactado pelo desemprego, sofre com a flutuação de mercado e a extração maior de sua renda, de sua mais-valia pela burguesia. O Partido, por conseguinte, pode dialeticamente explorar o entendimento do

¹⁷⁵ MARX, Karl. *O capital: o processo de produção do capital: crítica da economia política*. v.1. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.690.

¹⁷⁶ Idem. p.704.

problema da acumulação, seja pela causa, ou pelo efeito das contradições do modo de produção capitalista.

Esta flutuação é patente da crise, da crise para a revolução, para todo um conjunto dialético de contradições que são absorvidas pela consciência, ou seja, reproduzida da realidade e que incute o proletariado a agir, não de forma reativa e mecânica à crise, mas com base em ação consciente. Por isso, a relevância cabal para Lukács, da direção do Partido revolucionário na captura dessa consciência (reflexão da realidade) do proletariado. É na esteira da crise que vem a consciência do proletariado de qualidade revolucionária. Sobre isso, Engels descreve este sentimento, quando o proletariado parisiense foi esconjurado pela Revolução de junho de 1848, pela burguesia e aristocracia da França, inscritos nas Lutas de Classe na França entre 1848 e 1851¹⁷⁷ - neste particular, o Partido revolucionário de certa forma sofreu revés por si só, por ter se articulado com os Republicanos (Partido pequeno-burguês – A Montanha) e com o Partido da Ordem (aristocracia agrária e urbana), o que culminou em sua derrocada. Na melhor imagem dos mundos, onde as contradições são mitigadas, não há como vislumbrar uma ação revolucionária que tome para além dos indivíduos para a transformação da generidade social. Não se pode especular somente no nível do pensamento à tomada da realidade, tendo o pensamento como um fim em si mesmo, pois, desta forma, estaremos decerto deturpando e isolando a realidade concreta, e por conseguinte, desviando-se do método dialético, imprescindível para consciência e práxis revolucionária do Partido.

Constata-se que o Partido está inserido em uma dinâmica complexa, principalmente o proletariado, que é movido por um processo nebuloso que incorre diretamente em sua subsistência devido à flutuação no mercado, já que também é uma mercadoria para sua consciência reificada - que precisa ser suportada e superada nas fileiras do próprio Partido. Portanto, o Partido, na visão de Lukács, urge resgatar este processo e sua dinâmica do *modus operandi* capitalista em nome da totalidade, da totalidade econômica, em suma, do método dialético em Marx que, como preconiza no prefácio transcrito de *O Capital*, é remetida em última instância, à economia.

Na concepção de Lukács, o Partido e o movimento revolucionário estão postos na experiência e na imagem de mundo: cuja concepção (LUXEMBURGO, 1988)¹⁷⁸ dada é a de

¹⁷⁷ ENGELS, Friedrich. Prefácio. In: MARX, Karl. *As lutas de classe na França*. São Paulo: Boitempo. 2012. p.11. “Enquanto os três primeiros... artigos ainda estavam imbuídos da expectativa de uma nova escalada iminente da energia revolucionária, o panorama histórico formulado por Marx e por mim no último caderno duplo publicado no outono de 1850, rompeu de uma vez por todas com tais ilusões: Uma nova revolução só será possível na esteira de uma nova crise”.

¹⁷⁸ LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do Capital*. v. I e II. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

um processo de acumulação do capital que precisa arregimentar-se cada vez mais de forma visando consumir novos mercados, excepcionalmente os de economia não capitalista, arcaica, para transformá-lo em economia de mercado, e de igual modo, uniformizar e expandir o processo de reprodução: com mais consumo, aumento da acumulação e da exploração da mais-valia.

Desta forma, o modo de produção capitalista precisa inexoravelmente expandir-se, ter capilaridade em todos os continentes, em todo o globo terrestre. Dissecando este processo, vale observar mais uma vez a importância da dialética como método fidedigno com início, meio e fim de conhecimento, mas, também para além do conhecimento: a tomada de ação e transformação da realidade.

Por isso, tal dinâmica da estrutura precisa estar aterrada nas análises de conjuntura do Partido que incute o fenômeno do imperialismo a submissão das nações subdesenvolvidas às desenvolvidas, mostrando que o capital não se enquadra somente em seu entorno, mas, pelo contrário, em todas as camadas e setores da sociedade econômica com seu escoamento explosivo e ininterrupto da produção, ao mesmo tempo, em que encontra outros e diversos meios de produção à medida que domina todo o globo capitalista, ao passo que cada nação submete os outros a tarifas protecionistas aos produtos de outrem. Daí, a decorrência de déficit e superávit nas economias soberanas, e as crises cíclicas e econômicas do sistema capitalista. A crise, em si, é uma crise de déficit, principalmente em se tratando do mercado financeiro e do mercado de capitais e divisas. Há com a condição protecionista, expansão bélica e imperialismo entre os países do globo, toda uma condição idem de tensão entre as nações, preeminente a explosão de crises que, em última instância, possuem aterramento no plano da economia. Esta foi a análise dialética e contribuição de Rosa Luxemburgo em a *Acumulação do Capital*.

3 Alguns pontos não acabados para conclusão

Pois, como visto, ainda, o problema da acumulação do capital é o ponto de ruptura no imaginário individual e consciência de classe coletiva. Portanto, é o único elo onde o ciclo se fecha entre a teoria e a práxis na dialética. Não à toa, é o utopismo, oportunismo de autores que não reconheceram o problema da acumulação do capital, transformando isso em característico natural e imanente ao processo econômico, descambando para o fatalismo econômico, que coloca o indivíduo e toda a sociedade sob a falsa consciência, sob uma visão contemplativa da realidade e das “leis econômicas” imutáveis. Na concepção recorrente de Lukács, descamba-se

mais uma vez, para as leis eternas da natureza, – decerto explicado, ainda na visão de Lukács, na crítica da razão pura, na teoria kantiana do conhecimento.

Vemos, então, o Partido neste particular, entretido numa espécie de conceito e prática real de conviver e aceitar-se perante leis intocáveis aceitas com toda a sorte de fatalismo. Neste mundo, o filósofo húngaro nos coloca que só pode-se mudar este tipo de mundo, ou aprimorando-se suas entranhas, com a utilização de técnicas inerentes às leis imutáveis, não saindo, quando muito, para uma alteração quantitativa, ou voltar-se para a ética (razão), onde quando pouco, é o único mundo – levando em estímulo o indivíduo a se contrapor estrita: dogmática e utopicamente para o mundo exterior.

Permanece prescritivo e imperativo, saindo-se de uma filosofia da história e natural – dialética marxista, fundamental para um processo de conhecimento da totalidade, para uma ciência específica, crítica que busca leis na abordagem e “ataque” dos problemas, voltando-se para uma de substrato histórico, que não tem nada de sentido, e uma ética abstrata kantiana. “O elo metódico entre a crítica da razão pura e a crítica da razão prática, de Kant é obrigatório e inelutável” – (LUKÁCS, 2012)¹⁷⁹.

Portanto, ao portar essa concepção à consciência natural do mundo, o Partido¹⁸⁰ não conseguirá se desdobrar uma consciência de classe para o proletariado. Resumidamente, o Partido não pode aderir a uma crença de mundo em que a moral prática contrasta com a razão daquilo que é anterior a experiência, como Deus, a natureza, o cosmo, das leis eternas, etc., como se fossem duas coisas distintas. Quando falamos em razão pura¹⁸¹ (anterior a experiência) e a razão prática¹⁸² (ação de acordo com a vontade livre aterrado na moral); Lukács defende que estamos propriamente falando desta falsa dualidade, e como visto, não se justificaria na dialética marxista. Por isso, saindo da questão filosófica para a prática do cotidiano, o Partido não pode seguir tal orientação kantiana sob pena de permanecer com o pensamento e ação imersos no viés contemplativo.

¹⁷⁹ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p.124.

¹⁸⁰ Idem. p.128-130. Diz Lukács: “A consciência de classe é a ética do proletariado, a unidade de sua teoria e de as práxis, o ponto em que a necessidade econômica de sua luta emancipadora se transforma dialeticamente em liberdade. Uma vez reconhecido o partido como forma histórica e portador ativo da consciência de classe, ele se torna, ao mesmo tempo, o portador da ética do proletariado em luta.”

¹⁸¹ KANT, I. *Prefácio da crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2012. Tribunal de que se faz uso a razão para especular e ter um entendimento em si, mesmo e independente da experiência. p.17-24.

¹⁸² Ver: DELEUZE, Gilles. *Para ler Kant*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p.43-45; ver KANT, I. Prefácio da crítica da razão prática. In: *Crítica da razão prática*. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2011. p.3-24. Razão prática, ou razão pura prática, perpassa o entendimento possível, especulativo, e vai para além da vontade, para a prática, para a moralidade.

Por conseguinte, não pode se furtar a concepção do Partido como um organismo que não seja vivo e indissociável do proletariado, enquanto força moral e ética, que representa em si a vontade do proletariado, que, justamente por isso, precisa liderar e não ser liderado, e com isso, ser escamoteado, ser jogado ao largo, mas sim, ser o catalisador do movimento do proletariado, agora não mais espontâneo, mas, como ação consciente. Furtar o Partido a esta responsabilidade e este grau de relevância e de estratégia, é permitir uma capitulação do movimento proletário à medida que ao máximo sua ação não alcançará uma ação direcionada, e sim, espontânea e dispersa, contribuindo para o condicionamento de sua ação a ações pontuais e mínimas, sem coro de organização revolucionária¹⁸³.

Por fim, o Partido em Lukács é a força moral das massas espontâneas, sua forma de organização, por mais inconsciente que se faça na consciência, por vezes, como falsa, do proletariado. Que a correção do conhecimento e a organização do proletariado não se esconde na frieza e racionalidade do método puramente científico e, nem tampouco, na vitória da revolução por intermédio da entidade das leis eternas da natureza. Ambos os caminhos fecham a porta do conhecimento dialético e revolucionário ao proletariado, a separação do que é indivisível, a dispersão do autoconhecimento ativo do proletariado, a estripação da teoria e da práxis.

Por isso, extremamente relevante ao Partido proletário, quanto tão forte quanto seu combate for a um só tempo, prático, intelectual e ideológico – suportados sempre na análise econômica e nos desdobramentos para a generidade e a sociabilidade humana – haja visto o que mostramos no processo de reprodução econômica em social (aumento de capital, aumento do proletariado, aumento das contradições sociais, econômicas e morais, ideológicas) , sabendo sabotar com o método dialético e pela organização o oportunismo e utopismo, como já também visto, é que de tal forma os entraves para a consciência de classe do proletariado e de seu Partido revolucionário serão elevados para além da consciência reificada; e por conseguinte, atuará com base na análise e ação da totalidade econômica e dialética para o proletariado - pois a consciência de classe é a ética verdadeira e autêntica do proletariado, e o Partido é a sua eticidade, a forma ética de transbordar a ética e a moral burguesa, agora não mais como

¹⁸³ LUKÁCS, Georg. Rosa Luxemburgo como marxista. In: *História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.p.130. Defende o filósofo húngaro: “Pois a força do partido é uma força moral, ela é alimentada pela confiança das massas espontaneamente revolucionárias, coagidas pela evolução econômica a sublevar-se, pelo sentimento das massas de que o partido é a objetivação de sua vontade mais íntima...a forma organizada e visível e organizada de sua consciência de classe. Pois somente então o impulso espontâneo das massas tenderá, com toda a sua energia e cada vez mais instintivamente, na direção do partido e de sua própria tomada de consciência”.

puramente contemplativa, mas aguerrida, prática e revolucionária, a ser perseguida tanto no intrínseco do indivíduo como em toda a base revolucionária do Partido.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Maria Lucia Silva. *Ética y serviço social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Para ler Kant*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

ENGELS, Friedrich. *Anti-duhring*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Prefácio. In: MARX, Karl. *As lutas de classe na França*. São Paulo: Boitempo, 2012.
KANT, I. *Prefácio da crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2012.

LENIN, V.I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

_____. *O Estado e a revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LUKÁCS, Georg. Anotações sobre o materialismo burguês. In: *Revista Crítica Marxista*, n. 31. São Paulo: Unicamp, 2010.

_____. *História e consciência de classe: estudos sobre dialética marxista*. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. Meu caminho para Marx. In: *Socialismo e democratização*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011

_____. *Ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Para uma Ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Prolegômenos para uma Ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Tactics and Ethics: 1919-1929*. London-New York: Verso, 2014.

LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do Capital*. 2.v. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural. 1988.

MARX, Karl. *O capital: o processo de produção do capital: crítica da economia política*. v.1. 27.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *O dezoito brumário de Louis Bonaparte*. 6.ed. São Paulo: Centauro, 2010.

_____. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *As lutas de classe na França*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____ ; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo editorial, 2010.

TROTSKY, Leon. A degeneração do Partido Bolchevique. In: Wilian Fellipe. *Teoria e organização do partido*. São Paulo: José Luiz Rosa Sundermam, 2006.

_____. *A Revolução de Outubro*. São Paulo: Boitempo. 2007.